

# Eros e *Isis*, tal pai, tal filha\*

Lewis Pyenson\*\*

## Resumo

Os Sartons, pai e filha são apresentados, analisados e cotejados neste artigo. George, o pai, era um erudito e historiador da ciência. A filha era uma artista e poetisa bem conhecida. As origens culturais, as relações familiares, as atitudes em relação à ciência, ao amor e à sexualidade são discutidas neste artigo, que assume uma postura muito crítica da biografia autorizada de May. O autor sustenta que para entender May, é importante conhecer George, que gerou as “filhas gêmeas”, May e *Isis*, um dos principais periódicos internacionais de história da ciência.

**Palavras-chave:** História da Ciência, Sexualidade, Biografia.

---

\* Sou grato a Mary Ann Wilson e Irina Podgorny por seus comentários. (Tradução: José Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien.) Recebido para publicação em fevereiro de 2000.

\*\* University of Louisiana em Lafayette.

Tal pai, tal filha

Eros and *Isis*, tel père, telle fille

**Abstract**

The Sartons, father and daughter are presented, analyzed and paralleled in this paper. George, the father, was a scholar and historian of science. The daughter was well known as a poet and woman of letters. Cultural background, family relations, attitudes in life regarding science, love and sexuality, are discussed in this paper, which departs from the treatment in May's authorized biography. The author contends that to understand May, it is important to know George, who fathered the “twins daughters”, May and *Isis*, one of the major international journal in history of science.

**Key words:** History of Science, Sexuality, Biography.

Os historiadores da ciência gostam de retrair as origens de sua disciplina até um passado remoto.<sup>1</sup> Em geral, concorda-se que, no início do século 20, seguindo os precursores e fundadores, vieram os profissionais. Sobressai entre os profissionais, se não por seu brilhantismo, por sua visibilidade, o erudito belgo-americano George Sarton, que ascendeu graças à sua força de vontade e perseverança a uma cátedra na Universidade de Harvard. Porém, se alguém perguntasse aos intelectuais, hoje, sobre Sarton, provavelmente responderiam, “Ah, sim, May Sarton”, posto que May, a filha de George causou um impacto extraordinariamente amplo na cena literária americana. George, o racionalista do século 19, era o pai de May, a liberada mulher das letras do século 20. Enquanto escrevo estas linhas, vejo em minha escrivaninha a medalha que a Universidade de Liège conferiu a George, e que May me deu como lembrança. Oferecendo estas reflexões sobre George e May Sarton, estou consciente de que navego em águas que os antigos mapas legendavam: “Aqui existem monstros”.

O fim, às vezes, serve de prólogo. Perto de seus últimos dias, George Sarton escreveu uma memória sobre sua falecida esposa Eleanor Mabel Elwes. O documento, de mais de cem páginas, escrito à mão, merece leitura cuidadosa por seu tom e candura, especialmente devido ao interesse focalizado sobre George e Mabel como os pais desatentos da poetisa May Sarton. George escreveu sobre o milagre do nascimento de May, que presenciara:

Aconteceu um milagre especial em nosso caso, porque o nascimento de nossa criança foi, a princípio, indesejado. Mabel nunca havia se sentido bem e saudável, e freqüentemente era obrigada a consultar os médicos – na Inglaterra, na Bélgica, na França, na Suíça, aonde quer que

---

<sup>1</sup> PYENSON, Lewis. Inventory as a Route to Understanding: Sarton, Neugebauer, and Sources. *History of Science* (33), 1995, pp.253-82; e Prerogatives of European Intellect: Historians of Science and the Promotion of Western Civilization. *History of Science* (31), 1993, pp.289-315.

Tal pai, tal filha

fosse. Logo após nosso casamento, nosso médico de Gand, dr. Mièle, um homem muito gentil, aconselhou que talvez ela não pudesse suportar as dores da gravidez e parto e que deveríamos evitar a concepção. Tentamos evitá-la, mas éramos demasiado impetuosos e desajeitados e a criança cresceu no ventre e, finalmente, nasceu no terceiro dia de maio.

May foi “um tamanho sucesso” que o casal tentou, sem êxito, repetir o feito. “Assim a única criança que Deus nos permitiu ter e manter era a mesma que tentamos evitar”.

Algumas páginas depois, George Sarton se corrige: “Tivemos duas filhas em 1912; apesar de até aqui ter mencionado somente May; é hora de apresentar a outra, *Isis*”. Enquanto George desfrutava “algum prazer em conversar” com a pequena May, “embora ela ainda estivesse chilreando como os pássaros fazem”, ele empenhava-se em dar à luz *Isis*. “Chamar May e *Isis* de ‘gêmeas’ não me parece exato, embora sendo separadas por um intervalo (de seis meses) curto demais para irmãs comuns”. Tanto a filha indesejada como a criança fervorosamente desejada vieram em 1912 e, juntas, exigiam um “trabalho infundável”.<sup>2</sup> Do comprometimento com as duas crianças, gostaria de afirmar: “esta obra de amor nunca se perdeu”.

Em um fim de semana no início de setembro de 1993, segui as orientações cuidadosamente dadas para dirigir desde um estuário em York, Maine, através de estradas de terra, ou melhor, trilhas, ao longo de matas e pântanos até que, em um a clareira, rodopiei ao sol diante de uma grande casa de madeira, de três andares, que dava para um terraço ajardinado que levava ao mar.

---

<sup>2</sup> SARTON, George. Eleanor Mabel Elwes: The adventures of a scholar's wife. 1952, consultado nos documentos de May Sarton em York, Maine, transferido posteriormente para a Houghton Library, Harvard University [daqui em diante, YMS]. George Sarton, às vezes, referia-se às suas “estranhas gêmeas, *Isis* e May”. O sociólogo Robert K. Merton repetiu a gemelaridade na sua contribuição à publicação de homenagem, *Forward into the past: For May Sarton on her eightieth birthday*. NH, Concord, maio de 1992.

Enquanto minha esposa, eu e as três crianças descíamos do carro, uma mulher magra, elegantemente vestida, de cabelos brancos, nos cumprimentou, abaixando-se para acariciar um afetuoso gato. May Sarton nos recebeu em sua casa, Wild Knoll.

Eu havia lhe escrito, pedindo para ver os papéis de seu pai, historiador da ciência. Minha solicitação permaneceu um ano sem ser lida, enquanto May lutava para reconquistar sua saúde e forma. Sua companheira Susan Sherman disse que assim que Sarton leu minha carta, escreveu imediatamente convidando-me para ir a York. Sarton pôs tudo em sua casa à minha disposição. Portanto, fui o último historiador da ciência a ver a disposição original dos móveis e lembranças de seus pais, que ocupavam lugar de honra no térreo. Durante essa visita e na seguinte, trabalhei nos arquivos em um estúdio no primeiro andar, enquanto diversas pessoas entravam e saíam, inclusive um encanador que aconselhei a trocar os canos no porão. Durante esse tempo, Sarton viajou para assistir a celebração local de uma de suas peças.

A generosa, paciente, refinada, viva e espirituosa poetisa May Sarton, que conheci em seu último ano de vida, tem pouco em comum com a caricatura de uma mulher velha, confusa e amarga, retratada por Margo Peters, em sua biografia autorizada de 1997.<sup>3</sup> Sarton sabia muito pouco sobre mim, mas me concedeu de boa vontade seu tempo e reflexões. Meu projeto consistia em escrever sobre seu pai, cujo antagonismo forma um *leitmotif* da obra de Peters. As páginas seguintes honram a memória de May Sarton, corrigindo as deficiências da biografia. Sugiro uma leitura alternativa dos Sartons, *père e fille*.

Uma análise geral não pode ser invalidada por impressões pessoais, mas meu convívio com May Sarton não encontra ecos na biografia de Peters. Durante minha segunda visita a York, levei uma cesta em forma de um ganso canadense, cheia de pães e conservas; Peters menciona a ambivalência de Sarton em aceitar

---

<sup>3</sup> PETERS, Margot. *May Sarton: A Biography*. New York, 1997.

Tal pai, tal filha

presentes de comida não solicitada, porém Susan Sherman afirmou que Sarton adorou a cesta e seu conteúdo, exibindo-a orgulhosamente perto da porta de entrada.<sup>4</sup> Peters destaca a preferência de Sarton por frases corridas que encadeiam percepções aparentemente desconexas, mas em minhas interações com a poetisa, ela sempre oferecia explicações de causa e efeito. Peters vilipendiou “o anjo guardião” Susan Sherman como uma enfermeira manipuladora, mas em minha experiência com Sarton, Sherman permanecia sempre discreta. A própria casa, que adquiriu o *status* de ícone graças à publicação dos diários de Sarton, era decorada com bom gosto e despretensiosa. Ela transmitia um ar agradável e acolhedor, ao invés do cenário acre e auto-imolador de lesbianismo azedo que constitui o cerne do livro de Peters.

Como Peters pode ter se enganado? Para começar, ela não gostava do objeto. O amor é a **obra** de May Sarton, mas Peters parece não entender isso. Um tema central da biografia é que a predatória Sarton tinha uma “necessidade de conquistar repetidamente pelo amor”.<sup>5</sup> Mas o amor, como George Sarton teria afirmado, seguindo Aristóteles, engloba muitos tipos e qualidades – ágape, eros, *amor concupiscentiae*, *amor benevolentiae*, para mencionar alguns. May Sarton pode ser perdoada pela inocência do precedente literário, mas a tarefa do biógrafo é fornecer perspectiva, uma visão à distância; no tratamento que Peters dá ao amor, somos mistificados e não esclarecidos.

Considere-se como Peters trata a intimidade de Sarton com a poetisa Muriel Rukeyser, no início da década de 40:

Para May, a satisfação sexual era secundária em relação à exaltação emocional. Um orgasmo por noite a satisfazia. Muriel gostava de muito sexo com uma variedade de

---

<sup>4</sup> May Sarton me escreveu em 13 de outubro de 1993: “Aquele maravilhoso pato cheio de prendas e tesouros foi uma surpresa maravilhosa”.

<sup>5</sup> PETERS, Margot. *May Sarton...* Op. cit., p.168.

peessoas. Mais de uma vez, May sentava-se na sala enquanto Muriel acolhia uma amante, no quarto trancado. Mas ela ficava, porque precisava da força calorosa de Muriel, enquanto que Muriel ficava porque, “Te amo, sempre te amarei, May, não importa”.<sup>6</sup>

Como um orgasmo? Peters silencia, em geral, sobre as nuances do amor de Sarton, emocional ou físico. Peters localiza o lado físico em um plano cansativo e vago de intimidade fugaz, mas ficamos a imaginar o que Sarton fazia na cama para afeiçoar-se a uma vasta gama de parceiros – masculinos e femininos – durante mais de meio século de vida sexual.

Identificamos o amor como um sentimento pessoal e, embora o mundo industrial reverbere com o mantra do profissionalismo, a maioria de nós prefere, no amor, continuar amadores. E para a maioria de nós, o amor se relaciona às causas em comum e à dor, como ao compromisso mútuo e à alegria. Como, então, recebemos um julgamento severo e antipático do amor como o oferecido na biografia de Peters? O sexo se sobressai – é como se a palavra sexo aparecesse milhares de vezes no livro – mas se silencia sobre as preferências sexuais da personagem, exceto a atração de May Sarton por mulheres mais idosas e o fato de que “desperdiçou tanto seu tempo com pessoas de pouca importância” (p.70). (Porém ela também sabia escolher; graças a Jean Tatlock, May Sarton estava a um passo de J. Robert Oppenheimer (p.145), e ela perseguiu sem sucesso Virginia Woolf enquanto mantinha um caso com Julian Huxley (p.112).<sup>7</sup>) Há referências às imagens sobre varas (p.126), mas as cavidades estão ausentes; os escritos de romancistas como Jane Smiley e John Updike sugerem que tanto as varas como as cavidades, assim

---

<sup>6</sup> Id., *ib.*, p.145.

<sup>7</sup> O historiador da ciência, Giorgio de Santillana, ao ler os poemas em *Encounter in April* (New York, 1937), afirmou que “o espírito de May Sarton me lembra Virginia Woolf! – (nós não a havíamos mencionado)”. Mabel Sarton a May Sarton, 5 de maio 1937, transcrito em YMS.

Tal pai, tal filha

como as ondulações e esforços, desempenham papel importante no ato sexual. Dado que a biografia de Peters é basicamente sobre sexo, o leitor merece ver algum sexo no livro. Sendo caridoso, Peters pode supor que o leitor conhece essa matéria, do mesmo modo que um historiador da ciência pode supor que o leitor conhece a formulação de Lorentz das equações de Maxwell, mas parece que, dado o julgamento de Peters sobre a poetisa, as coisas côncavas e convexas mereceriam uma avaliação mais detalhada; nos resta pouco mais que o contido em *Grook* de Piet Hein.<sup>8</sup>

Dos *grooks* à linguagem. May Sarton escolhe as palavras para evocar sentimento e explorar afeição. Nem toda sua vasta produção é persuasiva; nem todos os seus poemas ou frases são memoráveis, ou mesmo efetivas, nem todas as observações são a verdade absoluta. Porém o mesmo pode ser dito de Emily Dickinson, Christina Rossetti ou Maya Angelou, e os cadernos de Virginia Woolf estão longe de ser uma prosa trabalhada. Peters é uma crítica severa dos escritos de Sarton, mas ela tende a ser pouco criteriosa com suas próprias palavras. Susan Sherman, a companheira de Sarton, sobre quem Peters escreve com menosprezo, “tinha muita coisa de que reclamar” (p.380); mas Sherman não é do tipo que reclama. Peters escreve: “Teoricamente, May abraçou a solidão após a partida de Susan” (p.381); May Sarton, uma teórica? Identificações incertas comprometem o *insight*. Eleanor Flexner, a filha do diretor do Instituto de Estudos Avançados em Princeton, atuou no grupo de teatro de May Sarton (p.82), indicação astuta que garantiu o apoio financeiro do sr. Flexner exatamente no período em que o próprio George Sarton relutava em financiar sua filha e incapaz de convencer Abraham Flexner de que Princeton precisava de um historiador da ciência; Peters desconhece os estudos avançados.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> HEIN, Piet. Dream interpretation simplified. In: HEIN, P. com a assistência de ARUP, Jens. *Grooks*. Garden City. New York, 1966, p.12.

<sup>9</sup> “O *Apprentice Theatre* representou aqui a noite passada e fiquei profundamente tocado e gratificado pelo entusiasmo do grupo. Temos agora três



O grupo de artistas da jovem May Sarton apresentou-se com A. Everett “Chick” Austin de Hartford, Connecticut, o rico mecenas das artes que se exibia como diretor amador (p.89); Peters desconhece a conexão patricia.

Peters se confunde com a descrição física e não somente a do tipo libidinoso. Considere-se a beleza. A biografia traz detalhes minuciosos das roupas usadas em público por Sarton – as roupas eram importantes para a poetisa –, mas sem comentários. Com certeza é relevante que Sarton demonstrasse uma preferência por conjuntos com calças compridas, por exemplo. Gostaríamos de saber se ela preferia botões ou zíper. E ainda no assunto vestimentas, e seu gosto quanto às camisolas? A biografia quase não aborda qualquer aspecto da forma humana, o formato do rosto, a cor do cabelo, as curvas de seios e quadris que atraíam o olhar de Sarton. Há alusões *ad nauseum* a flores e comida, mas nada é dito sobre porque o nariz e a boca eram mais bem tratados que o olho e o ouvido. Por que era atraída por certas flores (com certeza era sensível ao simbolismo das flores)? Ela comemora com lagosta e champagne para *épater la bourgeoisie*, ou isso era um eco da Europa continental, onde o crustáceo e o espumante eram itens tradicionais da festa de Ano Novo?

Peters, a biógrafa autorizada, tem um controle limitado da cultura francesa e uma compreensão pobre do francês, a segunda língua de May Sarton. Sarton, oriunda de família católica por parte de pai, cujos amigos franceses e belgas eram católicos, é

---

deles sob nosso teto. Eu amo seus ideais e simplicidade. Vou tentar fazer de tudo a meu alcance para permitir que sobrevivam financeiramente a esse inverno. Penso que May parece muito melhor do que quando a vi pela última vez na primavera”. Abraham Flexner a George Sarton, 8 de Setembro de 1933. Sarton tentou um lugar para Otto Neugebauer nos Estados Unidos, e talvez tivesse esperanças de conseguir apoio para suas próprias pesquisas. Sarton para Flexner, 10 de Setembro de 1933; 24 de Setembro de 1933; e 29 de julho de 1940, onde ele persiste: “Você talvez se lembre de nossa correspondência anterior... Tentei então atrair seu interesse para a história da ciência”. Arquivos Gerais, “George Sarton”. Princeton, Archives of the Institute for Advanced Study.

Tal pai, tal filha

considerada parte do mundo protestante, branco e anglo-saxônico (pp.366-7). Sarton é condenada por desempenhar o papel de “grão senhor” em sua casa em Nelson, New Hampshire, mas ela conhecia o papel do condado da Europa e adorava introduzi-lo nos Estados Unidos. Sarton em seu sucesso financeiro é condenada por ser pródiga em presentear seus amigos, mas o fazia mesmo quando não tinha dinheiro. Faz-se muito barulho pelo fato de George Sarton assinar como *le vieux rat* – o sovina – sem nuance, embora fosse uma preocupação central para George a manutenção de sua filha (o dinheiro nunca era bastante para May). Peters cita um adeus de May Sarton a um amante, “Amo você infinitamente”, quando o sentido de *infiniment* é realmente o de “sem fim”, e não um derivativo de um substantivo matemático, que era completamente alheio a seu espírito (p.201). Peters traduz desajeitadamente a **divisa** de George Sarton, atribuída a Guilherme de Orange, como “Não preciso nem de esperança para empreender, nem de sucesso para perseverar” (p.208).<sup>10</sup>

Peters dá ênfase à antipatia de May Sarton para com seu pai; a biografia tem muito pouco de bom a dizer sobre ele. May herdou sua sensibilidade artística de sua mãe, Mabel, e não de George (p.68); George é desprovido de charme pessoal (p.21); May odeia George (pp.97-8, 310) e odeia a ciência (p.362); Mabel também é ambivalente quanto a George, pois escreveu um conto sobre como George a deixou afogar-se em águas profundas. (p.178). Em meados dos anos 70, May “atribuiu sua prodigalidade

---

<sup>10</sup> A identificação de George Sarton com Guilherme de Orange, ou Guilherme, o Silencioso, é reveladora. De acordo com um dos maiores moralistas do século 19, “William era assim chamado de o Silencioso, não porque fosse um homem taciturno – visto que era um orador forte e eloqüente quando a eloqüência era necessária – e sim porque era um homem que podia controlar sua língua quando era sábio não falar, e porque ele guardava para si seus próprios conselhos quando revelados poderia ser perigoso para as liberdades do seu país. Era tão gentil e conciliador em seus modos que até mesmo seus inimigos descreveram-no como tímido e pusilânime. Porém, quando era tempo de agir, sua coragem era heróica e sua determinação incontestável”. SMILES, Samuel. *Character*. London, 1884, p.166.

a seu horror da sovinice de George, era uma maneira de ainda se rebelar contra ele” (pp.317-18). É o insulto supremo: George Sarton, por causa de sua negligência, sua ausência, seu descuido, sua sovinice, sua insensibilidade “criminosa” às necessidades de Mabel (p.80), não levou sua filha à vocação preferir as mulheres aos homens. Embora May Sarton tenha buscado uma mãe adotiva porque quando criança ficava tantas vezes separada de Mabel Sarton, a preferência sexual de May “era clara desde a mais tenra infância” (p.79).<sup>11</sup>

\*  
\* \*

No final de sua vida, May Sarton tinha publicado romances, volumes de ensaios, peças e reflexões diversas; recebia mais de \$100,000 anuais em direitos autorais; embora não tivesse conquistado um diploma, recebeu dezoito doutoramentos honoríficos bem depois da idade normal de aposentadoria, ainda saltitava pelos Estados Unidos e Europa em viagens movidas por interesses sexuais. Mas May Sarton não via essas coisas como essenciais. Era, em sua própria mente, uma poetisa lírica negligenciada. Em seus escritos, e em nossas conversas, sublinhou a dor que sentia quando recebia críticas desfavoráveis de suas poesias. (Em uma tentativa de diminuir a distância que ela mesmo percebia das fileiras dos poetas americanos aclamados pela crítica, May Sarton foi editora por duas vezes de *Poetry pilot*, uma revista da Academia de Poetas Americanos de Nova Iorque, e leu sua própria obra na academia em 1984.)

A poesia lírica, derivada do *lyrikos* da antigüidade clássica, pode ser classificada como a poesia do pensamento cheio de emoção, ou a poesia do sentimento. Dentre suas formas clássicas

---

<sup>11</sup> Há uma ambivalência sobre a natureza e a educação a esse respeito. PORTER, Roy. *The greatest benefit to mankind: A medical history of humanity from antiquity to the present*. London, 1997, p.704.

Tal pai, tal filha

temos o soneto, a ode, a canção, o salmo, o idílio, o hino e o *stornello*. A poesia lírica não conta estórias, à maneira dos épicos, baladas, narrativas e dramas; geralmente evita elaborar uma série de eventos pontuais no mundo natural; a natureza entra graças a sua beleza. A poesia lírica relata as emoções do poeta, não as emoções de outras pessoas. Na visão de Walter Theodore Watts-Dunton, crítico da poesia britânica do final do século 19, cujos textos podem ter sido conhecidos por George Sarton, entre os líricos, “o impulso é puro egoísmo... Muitas vezes estão demasiadamente engajados com as emoções de dentro para ter alguma simpatia profunda com a vida a seu redor”.<sup>12</sup> Ou na opinião do escritor Andrei Codrescu, freqüente colaborador da *National Public Radio* nos Estados Unidos, “A poesia lírica é a expressão em verso da primeira pessoa que busca escoamento na alma e estridência no plexo solar, e termina misteriosa ou pateticamente”.<sup>13</sup>

Poetas autocentrados é um lugar comum. O passado está cheio de naufrágios de suas vidas pessoais, que inspirou alta literatura narrativa. Inúmeros poetas de maior qualidade forçaram passagem no século 20 – Dylan Thomas, James Dickey e Irving Layton, para citar somente três vozes distintas que circularam na periferia do mundo acadêmico dos Estados Unidos. O foco excessivo sobre os amantes de May Sarton na biografia de Peters torna-se uma acusação estridente quando acoplada à litania de insucessos literários da poetisa, e o leitor pode se sentir aliviado quando a biógrafa disfarça o nome de várias das musas eróticas de May:

Todo seu mau comportamento, May dizia a si mesma,  
poderia ser perdoado, pois era uma Poetisa. E se, como

---

<sup>12</sup> Poetry. *s. v.* In: *Encyclopaedia britannica*, 11<sup>a</sup> ed., 1911; Watts-Dunton também escreveu o verbete para a nona edição.

<sup>13</sup> Comentário de Andrei Codrescu no Chimes Restaurant, Baton Rouge, Louisiana, em 19 de janeiro de 1999, anotado em um guardanapo por Mark Spitzer.

algumas críticas de *A durable fire* sugerem, ela não fosse uma poetisa? O abismo que esse pensamento abria a seus pés era vertiginoso demais para ser contemplado. (p.296)

May Sarton tinha uma receita para a vida de um poeta em sua estante em Wild Knoll. É um pequeno volume, um romance escrito por seu pai, com o título de *Poet's life*. George Sarton, escrevendo em 1905, afirmou, através do poeta protagonista, que o amor é tudo: “O desejo é o fio condutor da energia do mundo”. O poeta, usando como seu, o dístico de Guilherme de Orange, não deve se preocupar com a opinião pública:

Não preciso de esperança para começar, nem de sucesso para perseverar... Sei que não sou melhor se aclamado, nem pior se publicamente humilhado... Portanto não me preocuparei com a opinião das pessoas. Escreverei na solidão das páginas onde tenho refletido seriamente.

O poeta de Sarton continua: “Você não deve ser escravo do público, como esses assim-chamados poetas que se prostituem à vã admiração, mas deve buscar tornar-se seu próprio senhor”. Essas são claras instruções para o futuro verzejador:

Você sabe o que é um poeta? Ele é um presente que o céu às vezes envia a terra. Um poeta é o homem simples por excelência (*l'homme simple par excellence*). É alguém que sente, que ama, que sofre, e que está consciente exata e profundamente de seu amor e de seu sofrimento, ele é **alguém que se dá**.

Se há um poeta em você, arranhe suas feridas com suas unhas e o estilo, **seu** estilo emergirá naturalmente de suas veias, como a água da fonte... O estilo é apenas a encarnação do pensamento, é a realização do sonho é a vida sentiente realizada...

May Sarton certamente produziu assim, ninguém pode acusá-la de ser exangue. Mas sua vida afastou-se da vida de poeta esboçada por seu pai. O jovem poeta de George defendia experimentar a vida trabalhando duro em uma ocupação honesta:

Tal pai, tal filha

May nunca recebeu por um dia de trabalho honesto. O poeta de George insistia que não é preciso escrever muito para escrever bem; May escreveu torrentes e às vezes parece não ter escrito uma linha. O poeta de George desenvolveu uma aversão pelo *establishment* literário; May parecia sempre querer mais. O poeta de George morreu jovem; May viveu longamente, suas melhores obras podem ter emergido de sua agonia.<sup>14</sup>

A característica saliente na escrita de May, tendo em conta seus gostos pessoais e sua *persona* pública, é a pureza. Nas palavras de Peters, “Os romances de Sarton quase não contêm sexo” (p.330). Do ponto de vista de Sarton, ela “escreveu poemas universais sobre o amor e a vida” e não poemas lésbicos (p.333). Ela distinguia entre o mundo espiritual e carnal: “A arte foi escrita com a mente e a alma, e não com o corpo” (p.326). May Sarton enfatizou em 1979: “Para mim, sexo não é primordialmente uma experiência estética... o ato sexual, especialmente com uma mulher, é primordialmente algo espiritual” (pp.335-6).

\*

\* \*

Os historiadores da ciência que são vacinados contra o *ignorabimus* pós-modernista sabem que é útil conhecer o próprio assunto. No empreendimento em questão, um biógrafo deve conhecer realmente pai, mãe e filha, seus ofícios, seus preconceitos e suas expressões libidinosas. Peters desconhece inteiramente o ofício e os preconceitos do pai, e refere-se obliquamente e em momentos estranhos à sua competência e estatura profissional. Refere-se, sem comentários, à “obra monumental sobre a história da ciência do século XIV” (p.145), o livro (volume 3 da sua *Introduction*) que George Sarton sabia ter

---

<sup>14</sup> SARTON, George. *La vie de poète*. Ghent, 1905, citações nas páginas 11, 21, 26 e 28-29.

as proporções exageradas e as conotações negativas de um *leviatã*.<sup>15</sup>

Os leitores da *Chronicle of Higher Education*, revista semanal que cobre o ensino superior americano, saberão que May Sarton doou sua fortuna para um fundo, administrado pelos poetas de bolso da Universidade de Harvard, a Academia Americana de Artes e Ciências, destinado a sustentar jovens historiadores da ciência e poetas – nessa ordem. Com esse gesto, May seguiu o espírito do testamento de seu pai, que deixou um fundo para a Sociedade de História da Ciência, caso sua filha, sua beneficiária primeira, morresse sem testamento.<sup>16</sup> May Sarton buscou perenizar o espírito do empreendimento de seu pai, que ela e sua biógrafa acusam de ser a causa de seu abandono. Por quê? Margot Peters cita uma carta de Mabel a May Sarton em 1941 onde Mabel escreve que ela é um camundongo enquanto “você & Daddy [George] são os leões” (p.79). Aqui está o começo de uma explicação. A filha parece com o pai em quase todos os aspectos relevantes.

Vamos contá-los. George escreveu sobre ciência reunindo os fragmentos de cientistas que considerava interessante; May escreveu sobre o amor, focalizando as partes interessantes daqueles que amava. Pai e filha escreveram demasiado, mesmo quando suas estaturas não requeriam que escrevessem tanto. George empilhava prefácios e glosas, sempre consultando seu relógio, esperando se livrar de mais um pensador antes do jantar, do mesmo modo que o venerável James A. H. Murray despachava palavras por hora e ocasionalmente por dia; May compôs miríades de pequenas peças, inspirações e meditações, continuamente enfocando uma nova pessoa e buscando uma

---

<sup>15</sup> “Conclui o manuscrito do meu volume III sobre a ciência do século 14, e espero que a Carnegie Institution aceite-o para publicação. Será um trabalho muito longo, pois é um livro de ‘elefante’”. George Sarton a Robert K. Merton, 26 de dezembro de 1943, cortesia do dr. Merton, Columbia University, Nova York.

<sup>16</sup> George Sarton a May Sarton, 27 de março de 1950, YMS.

Tal pai, tal filha

nova musa. George se apaixonava mais com a idéia de ciência do que com suas particularidades, que nunca dominou em detalhe; Mary se apaixonava pelo o amor, que procurava acima dos detalhes de suas amantes. George buscou uma ciência transcendente com rosto humano; May buscou um amor transcendente no rosto de suas amantes. George buscou conhecer a mente das pessoas analisando suas vidas; May buscou usar o corpo das pessoas como um portal para suas mentes.

George Sarton e May Sarton compartilham um estilo literário. Ambos focalizam-se em julgamentos, cortantes e sumários, e explicações simples. Seus escritos exibem um solipsismo sem graça e uma enormidade de comentários desnecessários. O humor que, em geral, prima pela ausência, é auto-depreciativo, servindo para edificar e não para divertir o leitor. Suas publicações são irritantemente repetitivas. A *Introdução à História da Ciência* de George, aparentemente composta a partir de fichas indexadas e pedaços de papéis alfinetados, e os poemas de May, salpicados de um pequeno número de qualificações, cuja repetição levava até mesmo seus apoiadores à distração. Seus ensaios são movidos pela experiência na primeira pessoa, e não por uma lógica interna, embora cada um procurasse um plano transcendente a partir do qual emitisse opiniões. Alguns dos escritos mais eficazes de George extraem uma lição de suas lembranças das colinas ao redor de Florença ou da costa da Holanda e ele continuamente insistia na importância do contato direto com o ambiente físico onde seus objetos viveram<sup>17</sup>; os poemas e romances mais

---

<sup>17</sup> “Um historiador que não viaja assemelha-se a um geólogo que não realiza trabalho de campo: ele pode acreditar que sabe e compreende certas coisas, porém de fato não as conhece nem as compreende. Em outras palavras, o conhecimento livresco, embora essencial, é limitado, e não pode substituir o conhecimento direto de coisas como existem *in situ*”. George Sarton a John C. Meriam, 6 de outubro de 1925. Washington, DC, Archives of the Carnegie Institution of Washington.



admirados de May são baseados em seus encontros amorosos eróticos, que também implicavam em viagens a lugares distantes.

Quando George e May Sarton compartilham confidências com o leitor, entretanto, é quase sempre no nível de percepção intelectual, e nessa atribuição comum ambos aparecem como escritores à moda do século 19. E quando narram intimidades, é para revelar segredos, também um tropo do século XIX. George escreveu em 1936:

Muitas vezes comparei a história da ciência a uma história secreta, o relato de um desenvolvimento acontecendo misteriosamente na escuridão, enquanto a maioria das pessoas está mais interessada e afetada mais diretamente pelos eventos que acontecem nos campos de batalha ou nos tribunais, ou pelas suas próprias vicissitudes e as de suas famílias. Para as sociedades, assim como para os indivíduos, devemos fazer uma distinção nítida entre as coisas mais urgentes e mais importantes. Essas coisas não são as mesmas, de modo algum.

As coisas mais urgentes dizem respeito à família e ao conforto, mas as coisas mais importantes tratam da contribuição à “herança cultural”. George sublinha que: “Alguns homens perseguem na escuridão, em segredo, a realização de seus desejos intelectuais e os mais elevados propósitos da humanidade”.<sup>18</sup> Eis aqui um paralelo para a publicação deliberada e refletida por May Sarton das qualidades do pensamento envolvidas quando mulheres amam mulheres. *Mrs Stevens hears the mermaids sing*, publicada em 1965, é de fato a revelação secreta de May. Tanto George como May viveram disfarçados parte de suas vidas.

A partir da metade do século XIX, vários pais e filhas foram escritores importantes. Sir Leslie Stephen e Virginia Woolf, de imediato, nos vêm à mente. Leslie, o alpinista, historiador e editor do *Dictionary of National Biography* (Dicionário Biográfico

---

<sup>18</sup> SARTON, George. *The Study of the History of Mathematics*. MA, Cambridge, 1936, 7, reimpresso por Dover em 1957.

Tal pai, tal filha

Nacional), dominava o lar cheio de crianças de dois casamentos, e supervisionava pessoalmente a educação de seus filhos da segunda esposa, de nome de solteira Julia Duckworth. Julia (a mãe de Virginia) era uma enfermeira profissional, cuja carreira às vezes a tirava de casa. Através de suas filhas e seus companheiros masculinos, Leslie foi o pai do grupo de escritores de Bloomsbury, embora esses se afastassem de suas sensibilidades como racionalista vitoriano não-religioso.<sup>19</sup> Virginia nasceu dez meses antes que Leslie começasse a trabalhar no *Dicionário*; ela escreveu sobre isso, mais tarde: “Me deu um nó na cabeça. (...) Não teria sido tão esperta, mas teria sido mais estável, sem essa contribuição à história da Inglaterra”.<sup>20</sup> Que dor de cabeça.

Virginia Stephen e May Sarton estavam ligadas desde o nascimento aos registros enciclopédicos de milhares de vidas significativas realizados por seus pais; ambas se beneficiaram significativamente das conexões literárias acadêmicas de seus pais. A “tirania” penetrante de Leslie Stephen teria contribuído para o caráter sexual de Virginia Woolf, que “preferia a afeição das mulheres” ainda que “exista pouca evidência de que fosse capaz de ser mais que simplesmente estimulada e geralmente (por oposição a orgasmicamente) sensível”?<sup>21</sup> Roger Poole escreve:

Virginia idolatrava sua mãe. Julia representava para ela tudo que era belo, gerador de vida, espontâneo, intuitivo, amoroso e natural. Ela via repetidamente seu pai mandar na sua mãe, rebaixando-a sem compaixão repetidamente com “seu bico de bronze, a árida cimitarra do macho”. Temos todos os motivos para supor, a partir de várias outras fontes, que na ocasião Virginia odiava seu pai da

---

<sup>19</sup> ROSENBAUM, S. P. An Educated Man's Daughter: Leslie Stephen, Virginia Woolf and the Bloomsbury Group. In: ed. CLEMENTS, Patricia e GRUNDY DON, Isobel. (eds.) *Virginia Woolf: New critical essays*. 1983, p.35.

<sup>20</sup> Virginia Woolf, escrevendo em 1923. Id., ib., p.51.

<sup>21</sup> LOVE, Jean O. *Virginia Woolf: Sources of Madness and Art*. Berkeley, 1977, pp.284 e 287.

mesma maneira que o pequeno James fazia no romance *To the Lighthouse*, que descreve a vida familiar deles.<sup>22</sup>

Quão semelhante à reação de May Sarton a George Sarton, cujo positivismo May rejeitava; quão semelhante a idolatria de May Sarton por sua mãe, cuja correspondência publicara.

Uma mãe distante e um pai dominante não fazem da filha uma lésbica, mas May Sarton fornece evidências irresistíveis para ilustrar como os pais podem preparar as crianças para jogar dos dois lados. Na Bélgica, os Sartons pertenciam à burguesia – sua casa era uma pequena vila, mantida pelos criados. Mabel era uma *designer* profissional capaz de se manter, e George era um estudante profissional, com poucas capacidades práticas. Nenhum tinha recebido muitos conselhos dos pais, e nenhum os ofereceu a May. Quando a Primeira Guerra Mundial irrompeu e a família tomou a estrada como refugiada, May recebeu ainda menos atenção, viajando para baixo e para cima, às vezes com a mãe e, menos freqüentemente, com a mãe e com o pai. May Sarton cresceu claramente consciente de que ela vivia da caridade de ricos acadêmicos e industriais de quem seus pais eram clientes.

Durante os anos 20 nos Estados Unidos valia a pena ser um acadêmico da Bélgica conquistada e George Sarton sabia como tirar vantagem de sua origem. Uma geração antes, os americanos construíram grandes templos para abrigar os livros e as artes da Europa. Quando George desembarcou em Nova Iorque em 1915, buscando sua fortuna acadêmica, os americanos estavam cada vez mais interessados em expandir a pós-graduação e adquirir as ciências européias. George exibiu grandes habilidades em bajular os administradores com sermões sobre a ciência e a aprendizagem; sua tendência para recolher e juntar fatos combinava com o pragmatismo e desconfianças das teorias dos americanos. Era um *érudit* domesticado para os ricos americanos com um conhecimento superficial da cultura européia.

---

<sup>22</sup> POOLE, Roger. *The unknown Virginia Woolf*. Cambridge, 1978, p.14.

Tal pai, tal filha

George consumiu tempo e energia para cultivar a imagem de acadêmico; ele desempenhou esse papel à perfeição com sua revista *Isis* e, mais tarde, com sua Sociedade. Desejava que sua família fosse uma âncora firme para seu empreendimento abstrato, mas sua esposa e filha se rebelaram contra o papel que ele imaginava para elas. Dessa educação, onde seu pai na verdade era um tio holandês, May Sarton aprendeu a jogar com os ricos e os poderosos, tanto nos Estados Unidos, quanto, inicialmente arranjado por seus pais, na Inglaterra e na Bélgica. A principal arena onde podia lutar (nos últimos anos de sua adolescência, ela era uma atriz batalhadora mais do que uma estudante universitária) era a *mésalliance* sexual casual preferida pelos intelectuais do entre-guerras. O abandono emocional ou físico pode levar as crianças a buscar aprovação e afeição através de encontros sexuais indiscriminados. Em uma de suas peças autobiográficas, a escritora Jamaica Kincaid sugere isso.<sup>23</sup>

Assim como seu pai George, May Sarton buscava a essência – ele, a da ciência, ela a do amor. Buscar a essência do amor – ao invés de sua elaboração cotidiana – leva o explorador para longe de complicações como o casamento, a família e a devoção altruísta. Alguém, como May – sofisticada, porém sem formação acadêmica – podia imaginar que a escolha da companhia íntima de mulheres ao invés da de homens era uma maneira fácil de evitar complicações com o controle de natalidade, e ela pode ter sentido que o isotropismo endócrino evitava ter que conviver com odores e secreções desconhecidas. Mas a jovem May Sarton não gostava das implicações de viver uma mentira – May nunca informou seus pais sobre suas preferências sexuais, e hesitou antes de permitir que seus leitores soubessem.

Em 1954 May escreveu à sua amante, a poetisa Louise Bogan, sobre o amor. May precava Bogan da noção de que quando duas mulheres se amam, uma deve desempenhar o papel

---

<sup>23</sup> KINCAID, Jamaica. Putting myself together. *New Yorker*, lxxi, n° 1, 20/27 de Fevereiro de 1995, pp.93-101.

de agressor, o papel do homem: “Essa é a maior falácia, a mais perigosa; é que torna a mulher masculina ou o homem feminino ligeiramente ridículos e sempre patéticos”. As mulheres são fundamentalmente diferentes dos homens:

A grande diferença entre homens e mulheres é que as mulheres não podem separar sexo e amor, ao contrário dos homens. Não existem mulheres homossexuais prostitutas, mas a homossexualidade masculina (mesmo no caso de alguém tão bom, sensível e honesto como Auden) tende à prostituição. O impulso é basicamente um impulso **sexual** ....O impulso que está por trás de duas mulheres que se unem em amor apaixonado e, portanto, como em qualquer relação amorosa para uma mulher, antes de tudo, é principalmente emocional e não sexual. A emoção transborda e busca um meio de expressão. Se o meio é físico como pode ser, mas não tem que ser, o que a mulher é a si mesma **no** outro... A excitação – e é imensa à sua maneira – provém do fato que se dá o **mesmo** prazer que se recebe. É metafísico porque as carícias contêm **em si mesmas** o amor e não é um impulso puro de liberação como no homem. Em outras palavras, é inteiramente puro e intenso, uma troca de almas.<sup>24</sup>

Controversa como pode ser, essa afirmação é extraordinariamente perceptiva das relações humanas íntimas em meados do século 20. May Sarton escreve de modo claro e direto; a cadência é arrebatadora, o comedimento rebuscado. Em seu último poema de Natal, afirma: “While the bells are pealing/ No bell prisoner,/ They tell us what we were/ Tell us to bury hate/ And listen to each bell/ For what it has to tell”.<sup>25</sup> Foi esse tipo de sentimento que seu pai expressou quase meio século antes, e que

---

<sup>24</sup> SHERMAN, Susan. (ed.) *May Sarton. Selected letters, 1916-1954*. Nova York, 1997, p.345.

<sup>25</sup> SARTON, May. *After the war*. Concord, NH, 1994, em três páginas. “Enquanto os sinos tocam / nenhum sino aprisionado,/ Eles nos dizem quem somos / Nos dizem para enterrar o ódio / E ouvir cada sino / O que ele tem a nos dizer”.

Tal pai, tal filha

também apareceu como uma mensagem natalina.<sup>26</sup> George Sarton realmente fez sua filha May. Pode alguém duvidar de que isso nos enriquece?

---

<sup>26</sup> SARTON, George. Unification of good will. *Isis*, xvii, 1937, pp.211-15, reimpresso naquele ano como cartão de Natal por Chauncey e Elizabeth Leake. Montreal, McGill University, Osler Library.